

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

Os barcos de papel

© José Mavíael Monteiro, 1984

Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica Mário Ghio Júnior

Diretoria editorial Lídiane Vivaldini Olo

Gerência editorial Paulo Nascimento Verano

Edição Fabiane Zorn

ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.) e Thatiana Kalaes (assist.)

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

Capa montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Iranildo Alves

Diagramação Balão Editorial

REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.) e Balão Editorial

ICONOGRAFIA

Sílvio Kligin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf

e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens Marta Monteiro (p.116 e 118)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M774b

17. ed.

Monteiro, José Mavíael, 1931- 1992

Os barcos de papel / José Mavíael Monteiro. - 17. ed. - São Paulo

: Ática, 2015.

120 p. : il. — (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-17361-7

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

15-22278

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 739046

CAE 546963

2015

17ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – 3º andar

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





Os Barcos de Papel

JOSÉ MAVIAEL MONTEIRO

Série Vaga-Lume



ea

editora ática

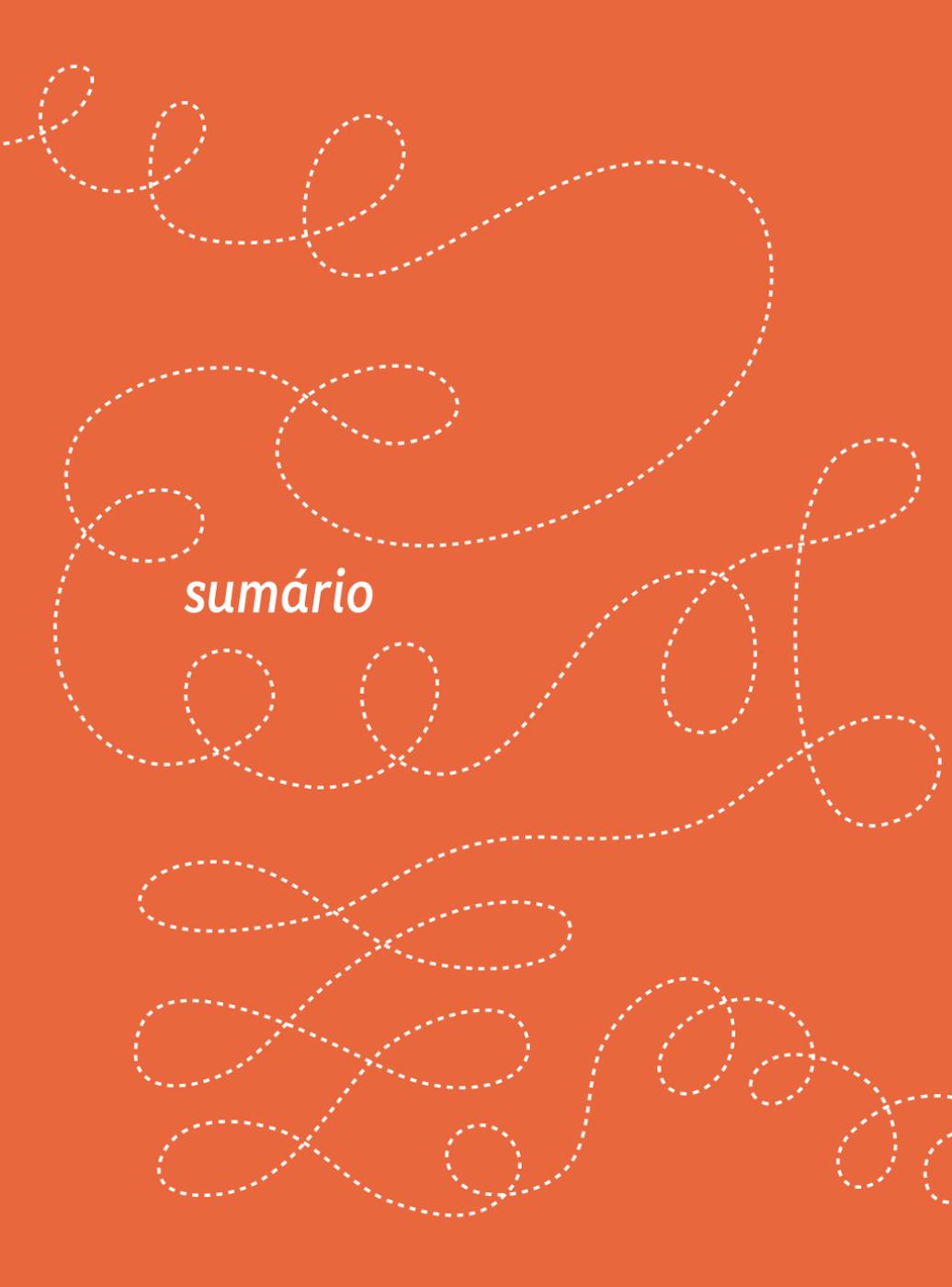
Navegando contra o destino

VOCÊ TERIA CORAGEM de explorar uma caverna enorme, sem saber o que iria encontrar pela frente?

Quito, André, Josué e Miguel — os personagens principais deste romance — não hesitaram em entrar pelas galerias de rochas que descobriram por acaso. Uma caverna grande e muito profunda, onde acabaram se perdendo.

E agora? Que perigos os garotos vão enfrentar nas entranhas da terra? Que mistérios se escondem a cada passo? Isso é somente o começo de uma história sensacional marcada por muitos sobressaltos e suspense, onde surpresas acontecem a todo momento.

Participe da aventura desses quatro companheiros corajosos e criativos. Você vai descobrir que uma brincadeira inocente pode se revelar uma arma muito útil. Agora, sem perder tempo, vá fundo: quatro meninos e uma caverna estão à sua espera. Boa leitura!



sumário

capítulo 1.	
Os navios de brinquedo	9
capítulo 2.	
O lago da montanha	17
capítulo 3.	
Os meninos desaparecidos	28
capítulo 4.	
A caverna	33
capítulo 5.	
Os morcegos	38
capítulo 6.	
À procura dos meninos	44
capítulo 7.	
Uma esperança	48
capítulo 8.	
Um grande susto	54
capítulo 9.	
As primeiras buscas	57
capítulo 10.	
Um estranho achado	61
capítulo 11.	
O helicóptero	65
capítulo 12.	
Mais buscas	69
capítulo 13.	
A primeira refeição	72



<i>capítulo 14.</i>	
Um telefonema misterioso	76
<i>capítulo 15.</i>	
Mais buscas — menos esperança	79
<i>capítulo 16.</i>	
Uma inesperada visita	82
<i>capítulo 17.</i>	
Os meninos sequestrados	88
<i>capítulo 18.</i>	
Uma notícia alarmante	92
<i>capítulo 19.</i>	
Carlão e Setevidas	97
<i>capítulo 20.</i>	
O resgate	101
<i>capítulo 21.</i>	
Uma surpresa	105
<i>capítulo 22.</i>	
Os barcos de papel	109
<i>Saiba mais sobre José Maviael Monteiro</i>	116





1. Os navios de brinquedo

MANHÃ DE SOL. Miguel e André saíram à rua, levando os brinquedos ganhos no dia anterior. Miguel, uma bela miniatura de transatlântico, com todos os detalhes de um navio de verdade: motor, hélices, que o faziam viajar na água. André, não menos satisfeito, levava sob o braço um porta-aviões, também movido e iluminado a pilhas. Haviam recebido os presentes de seu pai, o capitão de mar e guerra Ramiro Gouveia, que os trouxera do Exterior, na última viagem que fizera.

Dentro de casa, Miguel e André não podiam brincar com os navios. Assim, naquele dia, resolveram descer a rua e levar os brinquedos para um rio que corria quinhentos metros além.

No meio do caminho, André lembrou:

— Vamos chamar o Josué?

E lá foram os dois em busca do amigo que morava dois quarteirões adiante. Josué estava brincando no quintal; veio correndo atender o chamado. Era um menino de 12 anos, gordo, corado, cabelos claros.

— Que bacana! Deixe ver.

Arregalou os olhos, encantado com os brinquedos. Miguel, o mais velho dos três, ligou o motor do transatlântico fazendo girar as hélices. André mexeu numa alavanca do porta-aviões — uma portinhola se abriu e os aviões começaram a sair do porão para o convés.

— Oba! Vamos brincar no riacho? — convidou Josué.

— Adivinhão! Foi para isto que viemos.

Josué não tinha um navio. Levou seu caminhão movido a pilhas, que acendia os faróis, buzina, movia-se para a frente e para trás, levantava e baixava a caçamba.

Juntos desceram até o fim da rua.

O rio, quase um riacho, naquela parte era de águas claras e mansas. As margens estavam cobertas de capim viçoso.

Miguel descalçou os sapatos, desceu até o rio, ligou as hélices do navio, colocou-o cuidadosamente na superfície da água. O transatlântico de brinquedo fez um barulhinho: z-z-z-z-z-z-z-z-z-z; saiu navegando, deixando um rastro de espuma como se fosse de verdade. André fez o mesmo com o porta-aviões. Mas o navio de Miguel não andou muito. Logo adiante, bateu numa pedra no meio do rio e encalhou. A hélice continuou girando, levantando bolhas de espuma, mas o navio não saiu do lugar.

— Encalhou! — gritou André.

— Vou tirar! — gritou Miguel.

Arregaçou as calças, entrou na água. Deu alguns passos inseguros na lama próxima à margem e, quando quis firmar-se numa pedra, desequilibrou-se, levantou os braços para o ar

e... *tchibum!*... caiu de corpo inteiro dentro da água, levantando ondas que quase viraram o navio.

— Hi, hi, hi, hi.

Ouviram uma gargalhada. Olharam na direção de onde ela tinha vindo, viram um menino, malvestido e descalço, sentado do outro lado do rio, quase escondido por uma alta moita de capim.

André, metido a valente, tomou as dores do irmão. Gritou:

— De que você está rindo?

O outro não disse nada. Parou de rir e ficou olhando para os três, com cara divertida.

— Vamos dar uma lição neste moleque — convidou André.

Miguel levantou-se da água, ensopado, cara de bobo, riso amarelo. Josué conservou-se a distância, parado, olhando a cena. Com a onda, o navio soltou-se da pedra e ainda com o motor trabalhando, formando flocos de espuma, desceu a corrente do rio.

André atravessou a água, disposto a tomar satisfações do garoto desconhecido, que continuava sentado, sem fazer nenhum movimento para fugir:

— De que é que você riu? — perguntou, quase gritando.

O menino olhou para André, com uns grandes olhos redondos, mas não disse nada.

— Quer que lhe quebre o focinho para aprender a não rir dos outros?

— André, André! — chamou Josué da outra margem. — O navio está indo embora!

O outro virou-se e viu que, realmente, o barco descia ve-lozmente a correnteza. André saiu correndo pela margem. No mesmo instante o menino desconhecido levantou-se de um pulo e adiantou-se a ele em direção ao navio.

— Pega, pega! — gritou André. — Ele vai roubar o navio!

Miguel, ainda se refazendo da queda, e Josué correram também, mas o desconhecido era mais rápido e ganhou a dianteira.

— Pega, pega! — gritaram todos.

O garoto que ia à frente entrou na água, apanhou o navio, levou-o para a margem e sentou-se no chão, admirando aquele brinquedo que nunca tinha visto. Era como se os outros meninos não existissem. Logo depois chegou André correndo, avançou e arrancou o transatlântico das mãos do garoto.

— Eu só queria ver como é que era. É tão bonito! — falou ele, pela primeira vez.

Josué e Miguel chegaram logo após. O último trazia o porta-aviões que tivera tempo de apanhar no meio do rio. Cercado pelos três meninos, o garoto desconhecido não se perturbou. Pediu:

— Deixe eu ver este daí.

Miguel entregou-lhe o porta-aviões. Olhos arregalados, o garoto examinou o brinquedo de todos os lados: o convés, o castelo, o casco, a quilha, a hélice ainda girando. Quando seus dedos tocaram uma alavanca, uma portinhola se abriu, e dos porões saíram aviões para o convés. Abriu a boca, encantado.